

Ambiente Disfuncional

Dionísio Dias Carneiro

Economista, diretor da Galanto Consultoria e do IEPE/CdG

5 de junho de 2008

O Brasil passa por um raro momento na economia mundial: produz o que o mundo precisa e valoriza, tem atraído os ouvidos do mundo até mesmo em questões nas quais estamos menos preparados do que pensamos para exercer a influência que, com certa justiça, pretendemos como nação. Tendo construído um ambiente de confiança econômica que fez os investidores perderem o medo de um relapso populista, atraímos a atenção do mundo financeiro global. Em comparação com os países emergentes continentais, temos um arcabouço legal que é familiar aos investidores dos países exportadores de capital do Ocidente, nos quais ainda se concentram os maiores fundos privados.

É natural que ao dirigirem suas atenções para o Brasil, os gestores globais desejem, agora, saber quais os riscos de sermos afogados pela tempestade internacional que tem estado no horizonte desde que começaram a vir a público, em um processo que está longe do fim, o estrago que o fim da bolha imobiliária causou em alguns dos principais bancos internacionais.

Tem-nos ajudado o contraste entre a política econômica brasileira dos últimos quinze anos e os abusos de irracionalidade e voluntarismo que prevalecem em alguns de nossos vizinhos. A maioria deles, produtores de petróleo e/ou de grãos, têm recebido os mesmos ventos favoráveis da demanda externa. Mas parecem ter aprendido pouco com a longa história de desorganização econômica dominada pelo curto-prazismo das decisões de política econômica. Na prática, as soluções mágicas para as mazelas econômicas continuam a ser frustrantes para aumentar as chances de crescer mais por mais tempo e superar o subdesenvolvimento. O populismo latino-americano faz uma vítima clara, na crise argentina. Apesar de abrigar uma das maiores extensões de área fértil do planeta, o Pampa Úmido, a Argentina desperdiça o melhor de suas riquezas em um conflito insano entre um Estado que, ao se inviabilizar financeiramente, avança sobre os produtores de riqueza e condena seus cidadãos a viverem, mais uma vez as desgraças sociais de uma economia caótica: desabastecimento, mercado negro, ambiente hostil à geração de emprego e de riquezas.

Em uma palavra, os governos de nossos vizinhos, ao invés de fomentar a iniciativa criadora e a propensão ao risco inovador, usam as armas do Estado para fazer florescer um ambiente interno que é disfuncional para o desenvolvimento econômico.

Este ambiente disfuncional se manifesta, na prática, em crises periódicas no qual o excesso de demanda que resulta das barganhas do intervencionismo estatal se materializa na inflação desorganizadora e no déficit externo que provoca a incerteza na sustentabilidade da trajetória de crescimento. Exacerba-se, nessas horas, a criminalização do lucro, o nacionalismo que vê o mundo conspirando contra os interesses nacionais e a valorização das ações diretas de burocratas bem intencionados, que controlam preços e fluxos de capital, racionam o crédito e as importações, e políticos corruptos que distribuem ao seu critério as benesses do Estado.

Corremos o risco de resvalar pelo mesmo precipício? O ambiente externo requer cuidados. Além das necessidades crescentes de capital dos bancos, há uma bolha de

preços que nos tem sido favorável, mas que dá mostra de estar no fim. Apesar dos preços favoráveis, o Brasil caminha para um déficit em conta-corrente que projetamos para quase 2% do PIB em 2008 e cerca de 3% em 2009. Apesar do controle da dívida pública, temos uma inflação de quase 6% em 2008 e que ainda pode subir em 2009. São sinais preocupantes, não por não serem irreversíveis, mas por causa dos sinais de perda de rumo da política econômica. A combinação de política industrial coreana com populismo latino-americano e baixa poupança é perigosa, se o ambiente externo se deteriorar rapidamente, e se o governo não acordar a tempo e reduzir seus compromissos de gastos.

O Brasil desfruta hoje de uma grande vantagem, quando comparamos com 2002: o PT já governa há seis anos, e Lula evitou, com sucesso, que seus aliados façam tudo o que o partido pregou historicamente. Mas os riscos de um ambiente disfuncional localizam-se agora não no risco PT da quebra de contratos, mas no excesso de negociatas por trás do controle governamental sobre o Congresso. Os esforços para manter a “base aliada” podem ser tão disfuncionais para o crescimento sustentado quanto os riscos que representavam, no passado, as ameaças do antigo PT.